

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 0 - Nº 0 Dezembro, 1996

Nada mais lindo do que uma criança
que adormece rezando, disse Deus.
E como vos digo, nada mais lindo no mundo.
Eu nunca vi nada tão lindo no mundo
e no entanto muitas coisas lindas vi no mundo.
E entendo de belezas. Minha criação regurgita de belezas.
Há mesmo tantas belezas que nem sei onde colocá-las.
Vi milhões e milhões de astros rolar sob os meus pés
como as arcias do mar.

Vi dias ardentes como chamas,
dias de verão, dias de junho, julho e agosto,
noites de inverno pousadas como mantos,
noites de verão, calmas e saaves como uma queda de paraísos,
inteiramente consteladas de estrelas.
Vi essas colinas do Meuse,
e essas igrejas que são minhas próprias casas,
e Paris, e Reims, e Ruão,
e catedrais que são meus próprios palácios e castelos,
tão lindos que os guardei no céu.
Vi lágrimas de amor que hão de durar mais que as estrelas do céu.

Vi olhares de prece, olhares de ternura, perdidamente caridosos,
que brilharão eternamente na noite das noites.
E vi vidas inteiras, do nascimento à morte
e do batismo aos Santos Óleos
desenrolar-se como um fuso de lã pura.

E eu vos digo, disse Deus, que não conheço nada mais lindo no mundo
do que uma criança que adormece rezando
sob as asas do seu anjo da guarda.
E que ri para os anjos ao adormecer
e já mistura tudo e não compreende mais nada
e enfia as palavras do padre-nosso, a torto e a direito,
entre as palavras da ave-maria,
enquanto desce um véu sobre as suas pálpebras,
o véu da noite, sobre seu olhar e sua voz.

Vi os maiores santos, disse Deus, pois bem, em verdade
vos digo que nada me pareceu tão gracioso
e portanto tão lindo no mundo
como essa criança que adormece rezando
(esse pequenino ser que adormece na confiança)
e mistura o padre com a ave-maria.

Nada é tão lindo, e neste ponto
a Santa Virgem é também da minha opinião.
E posso dizer até que é esse o único ponto
em que temos a mesma opinião
porquanto em geral nós divergimos.
Ela é pela misericórdia
e eu, tenho que ser pela justiça.

Charles Pierre Péguy (1873/1914),
Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898/1966)

No coração moram sonhos
como pombas nos pombais...
Mas as pombas vão e vêm
eles vão não voltam mais... Popular

De muita gente que existe
e que julgamos ditosa,
toda ventura consiste
em parecer venturosa...
Medeiros e Albuquerque

Segundo Afrânio Peixoto, os sonetos *As Pombas e Mal Secreto*, de Raymundo da Motta Azevedo Correia (1860/1911), foram inspirados nas trovas acima.

Vestida de azul
desaparece a menina...
Um jardim de hortênsias.
Clície M. A. Pontes

Mais que a trova, necessita de divulgação o haicai.

Insistimos que na técnica formal do haicai, o mais vital elemento (após o texto feito no momento e no presente à vista do kigo, a ausência de pensamentos e a brevidade), é o *corte*, a *ruptura de palavras* - mormente com o ponto, dividindo o poema em duas partes (o haicai *sempre evoca algo*) que a imaginação do leitor revela ou reconcilia.

Para que o amor fosse pleno
e de beleza tamanha,
nos legou o Nazareno
o seu Sermão da Montanha!



FELIZ NATAL!



A segurança depende não tanto do quanto se possui, mas do quanto se pode prescindir. Joseph Wood Krutch

HAICAIS EM FOLHA

Morto meu canário,
porta aberta à saudade.
O canto voou.
Maria de Jesus Baptista de Mello

Num gancho a gaiola
e olhando o verde ao redor,
um canário mudo...
Darly O. Barros

Fuligem... Fumaça...
E um jacarandá teimoso,
vestido de flor.
Darly O. Barros

Num jogo de cores,
as borboletas ostentam
a moda vernal.
Djalda Winter Santos

Ao sol, borboletas
rondam num varal de corda
a saia florida.
Darly O. Barros

Riqueza vernal.
Velha mendiga se enfeita
com trapos de seda...
Clície Pontes

O CHARCO

Era um charco pequeno, inteiramente podre. O que caísse dentro dele se tornava impuro: as folhas da árvore próxima, as pequenas plumas de um ninho... Até os vermes do fundo eram mais negros que os de outras poças. Nas bordas, nenhum verde de relva.

A árvore vizinha e umas grandes pedras o rodeavam de tal forma, que o sol nunca o viu. Nem ele soube que o sol existia...

Um belo dia, construíram uma fábrica nos arredores e vieram operários em busca das grandes pedras. Isto foi ao crepúsculo. No dia seguinte, o primeiro raio de sol que caiu sobre a copa da árvore, deslizou até o charco, afundou nele seu dedo de ouro e a água, negra como o betume, clareou. Foi rosa, foi violeta, teve todas as cores, uma opala maravilhosa!

Primeiro, um deslumbramento ao atravessá-lo o facho luminoso. Depois, um prazer desconhecido ao ver-se transfigurado. Depois, o êxtase, a muda adoração pela presença divina descida até ele.

Os vermes do fundo haviam enlouquecido, a princípio, pela transformação de sua moradia. Agora, estavam quietos, perfeitamente absorvidos na contemplação da placa de ouro que tinham por céu.

Assim foi de manhã, ao meio-dia e a tarde. A árvore vizinha, o ninho da árvore, o dono do ninho - sentiram o palpitar daquele ato de redenção que se realizava junto deles. A figura majestosa do charco lhes parecia uma coisa insólita e, ao descer do sol, viram uma coisa mais insólita ainda: a carícia cálida foi absorvendo, insensivelmente, durante todo o dia, a água impura. Com o último raio, subiu a última gota. O buraco lodoso ficou aberto como a órbita vazia de um enorme olho.

Quando a árvore e o pássaro viram correr pelo céu uma nuvem flexível de algodão, nunca puderam crer que aquele enfeite do céu fora seu companheiro: o charco de ventre impuro...

Lucila Godoy Alcayaga
(Gabriela Mistral), 1889/1957, trad. ?

Kigos para os três haicais a serem enviados até o dia 10.01.97

Joaninha
Samambaia
Sorvete

Kigos para os três haicais a serem enviados até o dia 10.02.97

Carnaval
Cigarra
Rosa

Fazer um haikai é como tirar uma foto. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o que estamos vendo (fotografamos) e escrevemos (revelamos). Apresentado como uma foto ao leitor, este deduz o que está vendo, porque, tal como uma fotografia apresentada, o haikai não explica nada. E, tal como uma boa foto, um bom haikai conterá sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo.

* Manoel Fernandes Menendez
Rua Mário de Andrade 100, Apto. 133
01154-060 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos (temas de estação), em 1/2 folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e assinar. * Enviá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais.
2. Posteriormente, o haicasta receberá devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês, afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente: o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado até o dia 10 do mês seguinte.

OS SINOS

Sino de Belém,
sino da Paixão...

Sino de Belém,
sino da Paixão...

Sino do Bonfim!...
Sino do Bonfim!...

Sino de Belém, pelos que inda vêm!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, por quem
(chora assim?...

Sino de Belém, que graça ele tem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, - pela minha mãe!
Sino da Paixão, - pela minha irmã!

Sino do Bonfim, que vai ser
(de mim?...

Sino de Belém, como soa bem!
Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão... Por meu pai?...
(- Não! Não!...
Sino da Paixão bate bão-bão-bão.

Sino do Bonfim, baterás por mim?...

Sino de Belém,
sino da Paixão...
Sino da Paixão, pelo meu irmão...

Sino da Paixão,
sino do Bonfim...
Sino do Bonfim, ai de mim, por mim!

Sino de Belém, que graça ele tem!

Manuel Carneiro de Souza Bandeira
1886/1968

Bóiam leves, desatentos,
meus pensamentos de mágoa,
como, no sono dos ventos,
as algas, cabelos lentos
do corpo morto das águas.

Fernando Pessoa
1888/1935

Seleções Maria José de Carvalho